

A Belo Horizonte de José Casais Santaló

Salustiano Álvarez Gómez

(PUC-MG/ FUMEC-MG)

Antón Corbacho Quintela

(Universidade Federal de Goiás (Grupo GALABRA))

Acreditamos que o Prof. José Casais Santaló, jurista, economista e diplomata, foi o primeiro espanhol, natural da Galiza, que, reconhecendo-se explicitamente como turista, percorreu algumas regiões do Brasil. Com as suas impressões de viagem, redigidas em espanhol, e com as fotografias que ele tirara, elaborou um livro intitulado *Un turista en el Brasil*, publicado em 1940 no Rio de Janeiro. O livro é consequência da decisão que tomara Casais Santaló de se deixar ficar no Brasil enquanto não se resolvia a Guerra Civil na Espanha e de investir uma parte dessa estadia em percursos, na qualidade de turista, na procura da compreensão da brasilidade. Ele desembarcara no Rio na escala de uma travessia de navio que o levaria da Argentina à Espanha, mas esse trânsito previsto de 15 dias estendera-se a um período de dois anos no momento da publicação de *Un turista en el Brasil*. Não sabemos quem custeou a edição nem quem o autor pensava que seriam os consumidores do livro, mas o fato de todo o livro estar redigido em castelhano faz-nos supor que, embora impresso no Brasil, o livro estava em boa parte destinado a leitores espanhóis e hispano-americanos.

No início da obra, José Casais assume sem rodeios a sua posição e sua disposição como turista. A sua narração inicia-se no Rio de Janeiro. Os outros estados incluídos no seu roteiro foram a Bahia, Minas Gerais e Goiás. Da capital da Bahia, com a justificativa de continuar satisfazendo as suas ambições artísticas, desloca-se à

capital de Minas Gerais. A narração dessa viagem ocupa a Terceira Parte do livro, intitulada *De Bahía a Minas por el río San Francisco*. Dois trechos da viagem foram de trem (de Salvador a Juazeiro e de Pirapora a Belo Horizonte) e um trecho foi de vapor, remontando o rio São Francisco (entre Juazeiro e Pirapora, perfazendo 1.371 km de périplo fluvial). A ida de trem de Pirapora a Belo Horizonte é resumida por Casais em dois breves parágrafos, só fazendo alusões às cidades que tinham estações ferroviárias nessa linha, à beleza da paisagem e ao que para ele eram mostras do avanço da civilização.

Em Belo Horizonte, a admiração que Casais sentia perante tudo o que ele encontrara no Brasil se manteve. Se no Rio ele apreciou uma harmoniosa combinação entre beleza natural, tradição histórica urbana e arquitetônica, e progresso, se na Bahia ele se interessou pelo passado barroco de Salvador e foi atraído pela identidade afro-brasileira, se ao longo do rio São Francisco ele frisou o entusiasmo que provocava o conhecimento da paisagem sertaneja e do modo de vida das povoações ribeirinhas, em Belo Horizonte ele destacará a idoneidade da projeção da modernidade sobre os campos sociais de uma urbe. Nas páginas dedicadas à capital de Minas Gerais, a prosa descritiva de Casais, se comparada a relatos sobre as feições e cenas urbanas de Belo Horizonte redigidas contemporaneamente por outros observadores e por cronistas, converte-se em uma contundente louvação na qual nada da cidade é assinalado como superável. Casais fica satisfeito com Belo Horizonte; qualquer aspecto dessa cidade obriga-o à exaltação e parece-lhe foco de interesse turístico, inclusive a prisão belo-horizontina:

Si tuviese que decir la impresión más inolvidable de mis andanzas por Belo Horizonte, pensaría, sin vacilar, en la Colonia Penitenciaria de Neves, situada a pocos kilómetros de la ciudad vergel. Interesa a todos la gran obra de Neves, especialmente a los extranjeros poco conocedores de las cosas del Brasil y, sobre todo, a aquellos que se interesen por el progreso educacional de la Nación (CASAIS, 1940, p. 149).

No seu relato sobre a Penitenciária Agrícola de Neves (PAN), construída no terreno que ocupara uma antiga fazenda localizada no que em 1938 era o município de Betim, Casais (1940, p. 149) afirma que a visitou “varias veces”. O seu interesse por essa colônia penal agrícola não surpreende se for considerada tanto a trajetória profissional — jurídica — do autor quanto o caráter inovador que, na época, apresentava o estabelecimento. Casais esteve na PAN justo após a sua inauguração, em abril de 1938. Então, a PAN foi mesmo considerada um modelo para a modernização do sistema penitenciário. Esse modelo consistia na demonstração de que era possível a recuperação, e reinserção social, dos detentos mediante o respeito da sua dignidade, pela instrução moral e intelectual e pela reeducação que se lhes daria no presídio através do trabalho em oficinas e no campo, em consonância com a sua conduta e aptidão. A descrição de Casais da PAN é pormenorizada:

Con ser muy interesante el aspecto exterior de la Penitenciaría, pasa a lugar secundario ante la consideración de los principios que rigen la vida del establecimiento. En la construcción del inmenso edificio los técnicos estudiaron, hasta el menor detalle, los progresos de la arquitectura penitenciaria, adaptándolos al ambiente y necesidades del país. Puede asegurarse que no existe en el mundo (no olvido los establecimientos de Suiza y América del Norte) nada superior, tanto en la construcción propiamente dicha como en el aparejamiento. Puede que a algunos observadores les sorprenda el “confort” de la Penitenciaría. Será a los que abrigan un concepto erróneo de la finalidad de esas instituciones. Quien crea que el delincuente debe ser corregido a fuerza de contrariedades y molestias físicas, no podrá admitir el trato humano del recluso. Y en Neves este trato es rigurosamente cuidado. El corrigendo duerme en celdas aireadas, limpias y alegres; se alimenta sana y abundantemente; utiliza modernas instalaciones sanitarias; es cuidado con solicitud en sus enfermedades y dispone gratuitamente de los servicios de médico, cirujano y dentista. También se divierte. Tiene salón de fiestas, cinema educativo, organizaciones líricas y deportivas. [...] La obra que acabo de reseñar, legítimo orgullo del Estado de Minas y del Brasil, es típicamente brasileña. Brasileña en lo material y exterior, porque fueron brasileños los técnicos que la planearon. Brasileñísima en los procedimientos y sistemas aplicados en estricta armonía con las modalidades del país; naturaleza, sociedad y hombre. Brasileña también porque el animador del sistema seguido, el que dio impulso a la idea y el que mantiene las normas iniciales, es brasileño y minero (CASAIS, 1940, p. 150-154).

Contudo, o otimismo e o exagero com que marca Casais alguns dos seus apontamentos chegam a rondar a inverossimilhança. A desmesura nas apreciações

sobre a capital mineira é notória quando se refere aos arranha-céus da cidade: “La edificación va desde los chalets de los barrios residenciales a los rascacielos de las avenidas céntricas, aumentando en razón de diez nuevas casas por día”. Nesse sentido, deve-se reparar que em finais da década de 1930 só havia dois prédios que alcançassem os dez andares: o da Feira Permanente de Mostras e o Ibaté. Casais (1940, p. 141) qualifica a nova capital de Minas de “ciudad modelo” denotativa de “brasilidad”, cuja “maqueta podría figurar como tipo de urbanización en la más adelantada escuela de arquitectura”. Ele destaca que essa urbe é simétrica, mas não monótona, pois

las calles paralelas dejan paso a las grandes diagonales. Plazas guarnecidas con jardines quiebran de trecho en trecho la monotonía de las calzadas rectas. Toda la ciudad es un parque salpicado de pequeños jardines. Ninguna otra puede comparársele en punto a arborización.

Ele não encontra defeitos em Belo Horizonte e deleita-se com o que lhe parece uma harmônica cidade-jardim: “En todas las ruas, aún en las de menor categoría, aprovechanse los pequeños espacios libres para adornarlos. En las plazas mayores, vastas rosaledas se reflejan en estanques ornamentados con graciosillas estatuillas”. Além de com a estética urbana, Casais mostra-se satisfeito com o desenvolvimento econômico e com o patamar cultural alcançado pela sociedade belo-horizontina:

El presupuesto del municipio excede de treinta mil contos de reis (fuera de quinientos contos en los primeros años), bastante más que las rentas íntegras de algunos Estados de la Federación.

La industria y el comercio se desenvuelven vertiginosamente. El progreso intelectual y social de la urbe corresponde a la prosperidad forjada en el Estado. Los clubs, los grandes restaurants, los salones de té y confiterías, los “halls” de los hoteles, denotan una vida social y mundana distinguidísima. Numerosos centros de enseñanza, en todos los grados, justifican que la capital de Minas tenga una fracción insignificante de iletrados. El ambiente literario y artístico acredita toda una tradición. Minas creara escuela con personalidad propia, tanto más destacada cuanto en aquella época — fines del XVIII — la marca portuguesa hería todas las manifestaciones literarias de la Colonia. Después contribuyó con vivas aportaciones al movimiento modernista brasileño.

Dentro del orden económico bueno será recordar que la primera exposición celebrada en el Brasil lo fue en la vieja capital de Minas, Ouro Preto, — 1861 — y que los dirigentes de la nueva, ya en los primeros años, la hicieron sede de grandes certámenes agro-pecuarios — en 1908 tuvo lugar el primero — dotándola después de la Feria de Muestras que por sí sola prestigiaría a la más culta de las ciudades (CASAIS, 190, p. 141-142).

A Feira Permanente de Mostras é visitada por Casais, quem abrange com a sua prosa a todas as seções da feira/ museu. O prédio monumental, de estilo *art déco*, da Feira Permanente de Mostras — a vitrine da economia mineira, uma combinação entre estabelecimento comercial e espaço instrutivo — fora inaugurado em 1934, no local onde, até então, estivera o mercado de ferro. Era uma construção com um grande bloco central de cinco pavimentos, de onde se elevava uma torre com outros cinco andares. No prédio funcionava também uma agência de correios e telégrafos, um escritório da malha ferroviária estadual, um café-bar, um *grill-room* (“lugar de encuentro de la sociedad elegante belohorizontina” (CASAIS, 1940, p. 145)), uma escola de laticínios e uma biblioteca especializada em assuntos econômicos. No mesmo quarteirão estavam a sede da Rádio Inconfidência, o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) e o escritório do *Touring Club* (“donde el viajero es atendido con solicitud y ayudado sin límites en sus excursiones dentro del Estado” (CASAIS, 1940, p. 145)). O percurso por cada uma das seções da Feira, junto à visita à Feira Permanente de Animais e à Granja Experimental na Fazenda Gameleira, lhe valeu para apresentar um panorama geral da história da economia de Minas e para amparar a sua confiança em um futuro promissor para o estado. Em primeiro lugar, detém-se nas salas de mineralogia e de ourivesaria. Para o conhecimento do processo de extração de ouro, ele recomenda aos turistas que cheguem a Belo Horizonte que visitem a mina de Morro Velho:

En el Estado radica la mayor [mina de ouro] del Brasil y de las mayores del mundo, Morro Velho, con una producción media anual de tres mil seiscientos kilos aproximadamente. Pasa de un siglo que comenzó la explotación de la mina de Morro Velho. No debe dejarse Belo Horizonte sin visitarla. Se realiza la excursión

muy cómodamente, en el día, tanto por ferrocarril como sirviéndose de autobuses. El recorrido por carretera es pintoresco (CASAIS, 1940, p. 148).

No seu percurso pela Feira, a seguir passa à seção de agricultura, a qual o faz salientar a exposição sobre a produção e a manufatura mineiras de derivados de café, chá, algodão, tabaco, trigo, cana de açúcar, feijão, mamona e uva. Em decorrência dessa exposição, menciona as características do clima e do solo mineiro, as variações de latitude, a riqueza madeireira e salienta o desenvolvimento que experimentava a malha rodoviária para o escoamento da produção. Além disso, destaca a exposição que na Feira havia sobre o rebanho bovino e suíno mineiro; refere-se também à indústria dos laticínios e dos curtidos, ao aquário instalado na Feira e a um mostruário das águas de mananciais do estado.

O Estado de Minas Gerais é tratado por Casais ora como “Estado” ora como “país”, um país que faz parte da “Nación” brasileira. A ambigüidade dele no uso desses termos nota-se quando se refere à Espanha também como país. Por sua vez, a Galiza é aludida como “mi tierra” quando, nessa Feira, ao degustar os vinhos mineiros encontra um que lhe lembra o “tostado do Ribeiro”:

Tal vez para muchos sea una sorpresa, como lo fue para mí, encontrar vinos mineros, de óptimo “bouquet” y paladar, poco servidos en los restaurantes porque la producción es aún escasa, en las calidades “Caldense”, “Folha de figo”, “Moscatel gallego” — imita bien al “Tostado do Ribeiro” de mi tierra — y “Riesling” (CASAIS, 1940, p. 145).

Ao Estado de Minas são atribuídos méritos para que este seja considerado “un país turístico por excelencia” e uma das “primeras zonas turísticas del Brasil” (CASAIS, 1940, p. 146). Na opinião do autor, o Estado de Minas contém tanta atratividade que deixa no turista a sensação de que cumpre uma nova estadia. Segundo ele, a atratividade de Minas deve-se à conjugação entre a arte e a “riqueza arqueológica” das cidades coloniais, um clima ameno, possibilidades para a prática da

caça e da pesca fluvial, a beleza da paisagem, o interesse pela diversidade mineralógica, o conforto encontrável nas grandes cidades, a oferta de estações hidrotermais a preços módicos e as amostras de novidades do progresso industrial e agropecuário. Assim, ele frisa que a atratividade mineira pode satisfazer as duas principais categorias de turismo que ele reconhece: a do turismo superficial, própria dos forasteiros de férias “que se contentan con las impresiones efímeras de la belleza sensible” e a do turismo então contemporâneo, do qual faziam parte os viajantes “que no desperdician un solo lugar de la ruta sin hacer apreciaciones de los valores espirituales del país y de sus fuerzas económicas”. Ambas categorias de turismo são facilitadas pela forma de ser do mineiro, um indivíduo cordial, hospitaleiro, obsequioso e esplêndido que ele incorpora à quixotesca “escuela de Camacho” (CASAIS, 1940, p. 146). Casais compõe uma representação sobre os mineiros que acreditamos ser a primeira que um espanhol publicou sobre eles. Trata-se, contudo, de uma representação a traços largos em que se sublinha que os mineiros possuem plenamente duas qualificações consuetudinariamente atribuídas aos brasileiros: a cordialidade e a hospitalidade. A essas duas, ele acrescenta uma terceira: a esplendidez na recepção e o gosto pela fartura. Eis a descrição de Casais (1940, p. 147):

Finalmente concurre para hacer fácil y agradable el turismo minero, algo esencial al pueblo brasileiro, que en Minas es substancia propia de sus habitantes: la cordialidad sin límites, la hospitalidad sin condiciones, el obsequio perenne al forastero. El minero vive con los brazos extendidos y la casa abierta. Da de comer al hambriento y posada al peregrino. Y en eso de comer y convidar son discípulos fieles de la escuela de Camacho. Los banquetes en las haciendas, por la esplendidez y abundancia, me recuerdan aquellas fiestas interminables de los magnates árabes. Por la selección de los manjares las superan aún. La cocina minera es deliciosa y fuerte. No sé por qué los hoteles de Belo Horizonte prefieren la cocina “standard” universal, insípida, teniendo en casa recursos para satisfacer al más exigente.

Das cidades coloniais mineiras, o autor visita Sabará, Ouro Preto, Mariana, São João del Rey e Diamantina, “donde todo es arte y olor de santidad” (CASAIS,

1940, p. 171). De todas elas faz uma resenha histórica, uma descrição da paisagem e das lavouras da mineração do entorno, uma exposição das suas atrações turísticas — igrejas barrocas, palácios e mansões, mobília colonial, pontes, chafarizes, ruas pitorescas, bairros castiços, atmosfera social tradicional — e uma avaliação do desenvolvimento das atividades industriais e comerciais. Traça também sumários perfis de agentes ilustres dessas cidades — Aleijadinho, Luís da Cunha Meneses — e refere-se aos inconfidentes. Aquela da qual mais gosta é Ouro Preto — “Ciudad Monumento”. Após visitar as cidades coloniais, passa à região ocidental mineira conhecida como o Triângulo Mineiro, derradeiro estágio em Minas antes de se adentrar no Estado de Goiás. Ao Triângulo Mineiro dedica a seção IV da Quarta Parte e dele visitará os municípios de Araxá, Uberaba, Uberlândia e Araguari. Casais crê que o Triângulo tem interesse e atratividade para o turista por três fatores: a riqueza agropecuária e mineral, os amplos horizontes da hinterlândia em que se experimenta “la sensación de lo inmenso” e os prósperos centros urbanos. O seu percurso pelo Triângulo vale-lhe para mencionar, de novo, a hospitalidade e a prodigalidade do mineiro com o forasteiro. A Sexta Parte — o último capítulo — intitula-se “Un mes en el río Doce” e nela o autor refere-se à viagem que empreendeu pelo Estado do Espírito Santo antes de se adentrar de novo em Minas Gerais para voltar a Belo Horizonte. Tanto gostou da capital mineira que encerra os apontamentos das suas viagens pelo Brasil regressando, de trem, entusiasmado com ela, embora acreditamos que a sua residência estava fixada no Rio de Janeiro. O final de *Un turista en el Brasil* é o seguinte:

La prodigiosa variedad de los paisajes mineros me guardaba desde Presidente Vargas a Belo Horizonte aspectos no registrados hasta ahora en el viaje. Estos ciento ochenta y cuatro kilómetros de carril atraviesan precisamente una zona muy rica en minerío de hierro y manganeso. En esa zona están asimismo las más importantes Siderúrgicas del Brasil. En Monlevade la Belgo-Minera levanta ahora una villa dependiente de los altos hornos, en trámite de instalación. A la par de cuatro hornos de fundición trabajarán otros tantos para producir acero, sin contar

las máquinas laminadoras modernísimas. [...] El tren sube constantemente. La locomotora parece no poder más. Vuelvo a recordar el paisaje asturiano. También en los montes de Asturias hay ricas minas de hierro. Pasamos Gongo Soco. Sus minas de oro fueron famosas. Acuden a mi memoria aquellas extravagancias del Barón de Catas Altas que en los grandes banquetes obsequiaba a los convidados con albóndigas y avellanas de oro y, para congraciarse con el Emperador, hiciérale presente de una vajilla de oro macizo salido de las inagotables minas de Gongo Soco. Caeté, la histórica, y en sus proximidades otras usinas siderúrgicas. Más adelante Sabará, la inolvidable. ¡Belo Horizonte! con los brazos abiertos, en perenne invitación (CASAIS, 1940, p. 232-233).

Todavía, na Quarta Parte do livro, ele manifestou que visitara a cidade mineira de São João del Rey durante a viagem de regresso de Belo Horizonte ao Rio:

Ya se emprenda la excursión desde Belo Horizonte, ya desde Río de Janeiro, es menester interrumpir el viaje en Barbacena para tomar la línea de São Paulo. Yo aproveché el regreso a Río, desde la capital minera, y seguí un itinerario que recomiendo por el interés turístico que ofrece (CASAIS, 1940, p. 162).

Nesse sentido, conclui-se que Casais, de propósito, decidiu apresentar a sua viagem não como um roteiro em que coincidem o ponto de partida e o ponto de chegada, mas como uma travessia em que o viajante opta por voltar ao lugar que ele considera merecer uma segunda visita, isto é, a cidade de Belo Horizonte.

Referência

CASAIS, José. *Un turista en el Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa de Franz Timon, 1940.